

## ARQUITETURAS SILENCIOSAS:

### Práticas de resistência nas fissuras da sociedade mercantilista

Edson da Cunha Mahfuz

Prof. Titular, UFRGS

#### O CONTEXTO DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Nas duas últimas décadas se tornou clara a crise disciplinar que atinge a arquitetura e o urbanismo. Trata-se de uma crise multifacetada, decorrente principalmente de fatores externos, com sérias consequências para a produção do ambiente construído. Embora suas origens sejam várias, o fenômeno da globalização e a conseqüente infiltração e predominância dos valores do mercado na maioria das atividades humanas parecem ser as mais importantes.

Algumas das características dessa crise são:

- O visível deslocamento do centro real das decisões sobre a cidade, do poder público para a iniciativa privada, principalmente no chamado Terceiro Mundo. Coincidentemente ou não, nas últimas décadas ocorreu o virtual desaparecimento do poder público como cliente –lembramos apenas a sua importância para o desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira de 1930 a 70.

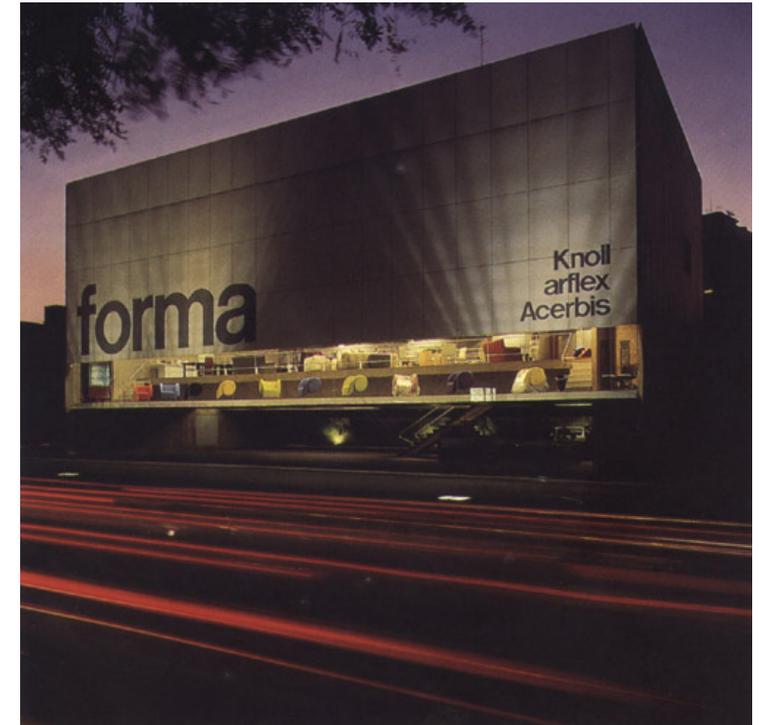
- As maioria das transformações urbanas contemporâneas consistem em empreendimentos privados de grande escala, em geral enclaves fechados relacionados entre si exclusivamente pelas vias de trânsito e pelas redes de comunicações. O tamanho desses empreendimentos permite aos investidores o controle total de todos os seus aspectos, inclusive o urbanismo.

- O espaço público perde gradualmente importância e está sendo substituído por espaços coletivos privatizados, comumente relacionados com o consumo e o ócio, que não funcionam como pontos de encontro à maneira tradicional, em que há mais heterogeneidade e liberdade de ir e vir.

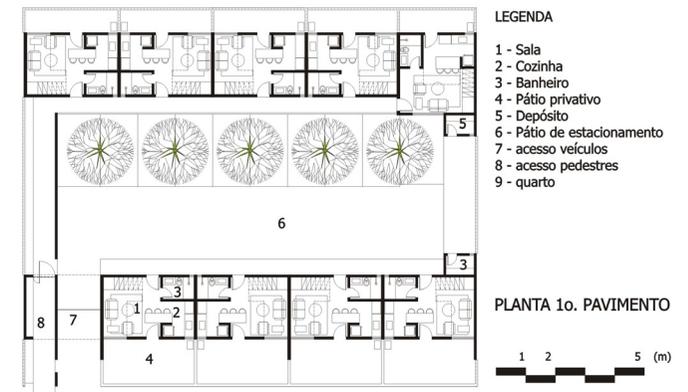
- A mercantilização da arquitetura: os edifícios passam a ser tratados como objetos de consumo, cuja organização e aparência seguem as últimas modas ou “tendências”.

- A tematização da arquitetura: redução de suas formas visíveis a uma série de postulados determinados pelas disciplinas da comunicação e do marketing;

- A espetacularização da arquitetura: em consequência do desejo de criar arquiteturas impactantes –cujo valor é essencialmente propagandístico--, nossas cidades estão se tornando uma espantosa mistura de Disneylandia com Las Vegas. Não apenas entre os leigos, mas até entre os arquitetos, confunde-se ineditismo com originalidade e inovação formal com qualidade arquitetônica.



1. Loja Forma, São Paulo (SP), 1987, Paulo Mendes da Rocha. Solução formal e construtiva que, ao mesmo tempo em que responde ao programa e ao lugar onde o edifício foi construído, os transcende, gerando uma pequena obra prima da arquitetura brasileira de todos os tempos. Foto: Nelson Kon.



2. Residencial Barcelona, Sete Lagoas (MG), 1997, Carlos Alberto Maccieli.

Duas barras paralelas configuram um pátio, solução formalmente clara que cria graus crescentes de privacidade. Foto: Anna Karina.

- O surgimento do arquiteto globalizado: num mundo em que a glorificação da personalidade individual é um valor importante, o novo perfil do arquiteto/urbanista o define mais como homem de negócios do que profissional da arquitetura. “Construir a sua imagem” passa a ser mais importante do que tudo --o trabalho perde relevância coletiva e vira um pretexto para atingir metas pessoais. O arquiteto globalizado acredita que prestação de serviços significa rendição quase total ao cliente e ao mercado, e com isso abre mão da dimensão cultural e social da arquitetura.

A consequência inescapável da conjunção de todos esses fatores foi a perda da influência que a arquitetura gozava até meados do século XX como centro ideológico do modernismo, e sua consequente decadência como profissão relevante aos olhos da sociedade. De um profissional respeitado, sempre ouvido quando da tomada de decisões importantes em grandes e médios empreendimentos, passamos a simples executores de decisões tomadas por outros em outras esferas, inclusive sobre assuntos sobre os quais deveríamos ter o domínio.

Some-se a isso tudo o aumento exponencial do número de arquitetos disponíveis no mercado e a insegurança cultural da clientela --que sempre acha que qualquer coisa que venha de fora é melhor, e vê na arquitetura um meio de ostentação-- e temos uma situação realmente muito complicada para a prática da arquitetura com autenticidade e relevância.

## O ESTADO DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Assim como a cidade contemporânea, a arquitetura que a constitui não é motivo para orgulho. Apesar da exposição que a arquitetura e os arquitetos tem tido em todas os meios de comunicação, a produção média nunca atingiu níveis de qualidade tão baixos.

Além das causas já mencionadas acima, poderíamos acrescentar mais duas. Uma delas é o novo papel propagandístico que a arquitetura assumiu no mundo mercantil, sem controle ético, no âmbito de um liberalismo político e econômico que utiliza uma pretensa liberdade para anular as reais possibilidades. Assim, nas últimas décadas houve uma escalada vertiginosa em direção à exaltação da originalidade e da excepcionalidade caracterizada por ritmos difíceis de incluir em um processo cultural estável.

Outra causa da perda de qualidade da arquitetura atual é o rompimento da cadeia que, até poucas décadas atrás, relacionava a autoridade dos grandes modelos com os projetos menores, que os respeitavam, utilizavam e inclusive os adaptavam a novas circunstâncias. Esse é um método que provem da modéstia e da excelência de um ofício desempenhado sob a hierarquia dos modelos.

A arquitetura moderna, com todas as suas variedades, foi o segundo e último sistema formal completo surgido na história da arquitetura --o primeiro sendo o classicismo-- e que ofereceu modelos de referência eficazes.



3. DPTO Propaganda e Marketing, São Paulo (SP), 1994-95, Fernando de Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga (MMBB).

A forma intensa se impõe sobre o caos circundante; a sobreposição de planos de fachada resolve os problemas climáticos e de privacidade. Fonte: os autores.



4. Catedral da Sagrada Família, Campo Limpo (SP), 1997, Projeto Paulista de Arquitetura.

Agrupamento de blocos prismáticos responde à configuração do lugar e adquire transcendência pelo uso da luz e pela variação em altura, recursos que reforçam a hierarquia do programa. Fonte: Jovens arquitetos, Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

Às principais obras da arquitetura atual falta essa exigência de ser modelos interpretáveis. A arquitetura atual não quer ser modelo porque a sua função é, antes de mais nada, publicitária.

#### ATITUDES PREDOMINANTES NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Os modos predominantes de abordagem do projeto arquitetônico e urbanístico nas últimas décadas são um reflexo das características mais notáveis da sociedade atual: subordinação aos valores do mercado, espetacularização da vida urbana e culto exagerado à personalidade individual.

Uma das atitudes predominantes é a que resulta no que muitos chamam de arquitetura cenográfica, caracterizada pela inspiração direta na arquitetura do passado e pelo uso literal dos seus elementos. Seu objetivo é criar associações reconfortantes por meio de imagens familiares.

Seu resultado é criar ambientes em que tudo é falso e culturalmente irrelevante, além de não representar qualquer atitude positiva perante o entorno. Mas sua pior consequência é que, sendo uma postura regressiva e antimoderna, infantiliza e corrompe os usuários, pois não os educa e os mantém num estado primitivo de cultura visual.

É entristecedor constatar que não apenas a construção comercial abraça a via cenográfica -- convencida de só produzindo lixo cultural terão retorno assegurado para os seus investimentos-- mas que muitos arquitetos a adotam sem hesitação. Certamente não se dão conta de que “voltar ao passado é uma virtude dos fracassados”.

Ao mesmo tempo, é visível um interesse disseminado por uma arquitetura “interessante”, cuja característica principal é a busca de interesse visual por meio de configurações inusitadas e manipulações caprichosas dos elementos de arquitetura. Seus produtos são geralmente edifícios cuja forma não tem qualquer lógica visual, além de terem pouco a ver com o programa que abrigam ou os lugares onde se inserem. Infelizmente, a maioria da produção brasileira atual se encaixa nesta categoria.

Por trás de toda tentativa deliberada de obter uma arquitetura “interessante” há sempre decisões arbitrárias, falta de lógica e inconsistência formal. Sua consequência direta é o caráter culturalmente irrelevante dessa produção e a exacerbação do caos visual urbano.

Nesta atitude se abrigam aqueles que confundem criatividade com manipulação gratuita da forma, e contenção formal com pobreza visual. Sempre que se tem como objetivo criar objetos complexos e impactantes, termina-se com complicação e excesso. Talvez nunca tenha sido tão importante lembrar Mies van der Rohe: “o objetivo do arquiteto não é fazer arquitetura interessante, mas sim boa arquitetura”.

Se a arquitetura cenográfica pode ser comparada à pornografia --explora os baixos instintos das pessoas; lhes dá um prazer momentâneo deixando um gosto amargo depois-- a arquitetura



5. Casa em Rio Bonito, Nova Friburgo (RJ), 2002, Carla Juaçaba. Um objeto de pequeno tamanho que se torna perceptivamente grande pela integração dos espaços internos e destes com o exterior. Interessante contraoposição de peso e leveza, opacidade e transparência. A pedra aparece aqui usada sem sentimentalismo. Fonte: Jovens arquitetos, Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.



6. DVR Escritórios Alphaville, Barueri (SP), 2003, ar.co arquitetos. Projeto que entende a importância relativa do programa escritórios na cidade e não tenta monumentalizar o edifício. O modo como qualifica o espaço urbano e gera espaços coletivos sob o edifício e no seu pátio também é exemplar no panorama atual da arquitetura brasileira. Fonte: Jovens arquitetos, Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

“interessante” é uma produção narcisista, irresponsável e míope, cuja visão alcança apenas o edifício isolado –por isso quer dotá-lo de tanto interesse visual por meio da proliferação de elementos supérfluos-- e não se dá conta de que cada objeto só tem significado na sua relação com os demais, e que a variedade tem que ser buscada nos conjuntos urbanos, não em cada edificação individual. Nenhuma dessas atitudes contribui com nada positivo para as pessoas e para a cidade.

É importante notar que um fato comum às duas atitudes descritas acima é que sua forma e aparência não seguem uma lógica que tenha a ver com programa, lugar ou técnica construtiva, e que as estratégias e elementos empregados raramente são pertinentes ao problema arquitetônico que está na origem do projeto.

O conteúdo desta parte do ensaio não é resultado de uma atitude de quem sabe tudo e quer impor suas crenças aos demais, sem respeitar outras opiniões e abordagens. Trata-se, isso sim, de comparar dois estágios do desenvolvimento da profissão e constatar que o estágio atual representa perdas não apenas para a profissão como para aqueles que são servidos por ela. Lamentamos a perda do sentido público da arquitetura, traduzido não apenas no serviço que arquitetos e urbanistas podem prestar, mas também no necessário senso de responsabilidade envolvido em lidar com os recursos duramente amealhados por indivíduos e coletividades.

## ARQUITETURAS SILENCIOSAS: A EVOLUÇÃO DO MODERNISMO NO BRASIL

As páginas anteriores sugerem um panorama desalentador para aqueles que ainda vêm a arquitetura como uma profissão com compromissos culturais e sociais. Embora seja cada vez mais difícil reunir as condições necessárias e suficientes para uma prática culturalmente relevante, e o número de obras consistentes seja diminuto em relação ao que é construído no país, uma observação atenta mostra que ainda há espaço para a arquitetura autêntica, ainda que seja cada vez menor.

Aqui e ali se observa uma arquitetura que, se devesse receber algum qualificativo, poderia ser chamada de silenciosa. Essa produção rechaça a concepção artística promovida pela pseudo-cultura mediática atual, que resulta em uma agressão histórica aos sentidos e ao bom senso e, ao contrário, afirma uma concepção de arte como contemplação e introspecção.

Antes que pareça que estou falando sobre uma miragem, me apresso a identificar a produção a que me refiro como arquiteturas silenciosas. Se trata de um grupo não muito numeroso de obras projetadas e construídas em várias partes do Brasil, de autoria de arquitetos de várias gerações, sendo o mais proeminente deles Paulo Mendes da Rocha, nosso melhor arquiteto há pelo menos duas décadas, e talvez aquele que melhor representa os princípios desse modo de praticar arquitetura.

Do ponto de vista projetual, essas arquiteturas caracterizam-se por adotar formas elementa-



7. Clínica de Odontologia, Orlandia (SP), 1998-2000, Angelo Bucci, Fernando de Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga (MMBB). Forma intensa –elementar e transparente--, apoiada pelo acerto das soluções construtivas, demonstra sutilmente a natureza não privada do edifício. A “caixa de vidro” sem os problemas climáticos de muitos dos seus precedentes. Fonte: os autores.



8. Loja Montnapoleone, São Paulo (SP), Aurelio Martinez Flores, 2002. Economia de meios sem resultar em escassez. A concentração da estrutura resistente em uns poucos pontos resulta na liberação do nível térreo. Fonte: Projeto 274, Dezembro de 2002.

res, ser pouco ornamentadas e figurativamente neutras, constituindo objetos enganosamente simples cuja complexidade vai sendo revelada à medida em que nos familiarizamos com eles. A falsa simplicidade dessa produção, encontrável ao longo do século XX, afasta aqueles que buscam gratificação imediata dos sentidos e gratifica a persistência dos que se permitem um envolvimento emocional mais prolongado com a arquitetura.

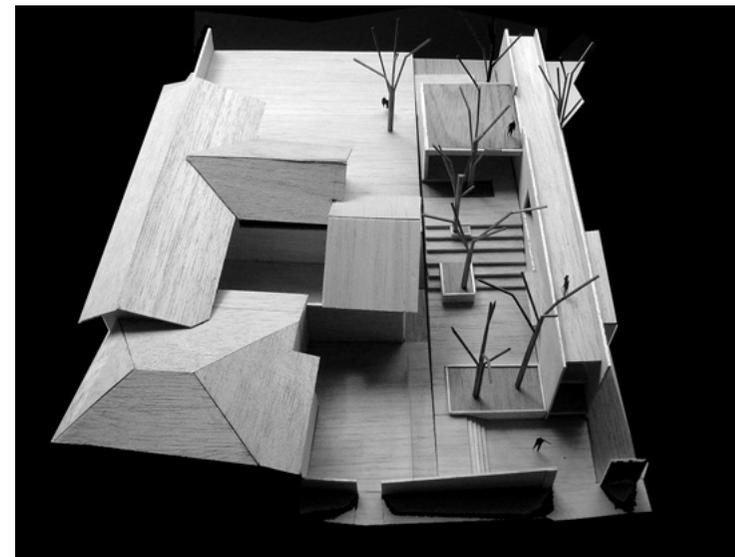
A arquitetura que menciono não surgiu do nada. A melhor produção brasileira dos últimos trinta anos pode e deve ser vista como uma continuação e evolução daquele modernismo, surgido aqui na década de 30, que ganhou admiração em todo o mundo. Apesar de que nas últimas décadas surgiu um grande número de doutrinas que se propunham como substitutas de um modernismo supostamente superado, a existência de uma produção como a que comento aqui é prova cabal da vigência da modernidade.

Considerando tudo o que aconteceu nas últimas décadas, e o cenário em que ocorre a prática atual, o que segue deve ser entendido tanto como uma explicação do que chamo arquiteturas silenciosas quanto da própria modernidade em arquitetura.

Na sua essência, a arquitetura moderna representou uma ruptura metodológica com o classicismo, em que a imitação é substituída por uma idéia autônoma de forma, desvinculada de qualquer sistema prévio ou exterior. A partir daí, o marco de legitimidade da obra se situa no âmbito do objeto, onde deve ser buscada a lógica da sua constituição como artefato ordenado por leis que lhe são próprias.

A modernidade abandona a autoridade normativa do modelo arquitetônico pela construção formal, conceito fundamental para a concepção moderna, e que continua sendo de extrema utilidade para a prática e o ensino de arquitetura. Em termos metodológicos, a construção formal é a armação da forma como um quebra-cabeças, passo a passo, num processo de tentativa e erro, ao invés de adotá-la como uma totalidade importada de outra situação. Por esse procedimento se obtém a síntese dos vários subsistemas que compõem uma obra de arquitetura, em uma estrutura formal que possua identidade, sentido e consistência.

Em um tempo sem certezas, em que as coisas sempre podem ser de outro modo, afastar ao máximo a ameaça da arbitrariedade é essencial para se obter uma arquitetura autêntica. A arquitetura moderna nos ensina que um modo de controlar essa arbitrariedade é fundamentar as decisões projetuais sobre as condições intrínsecas e específicas de cada problema arquitetônico —o outro é não ter a busca da inovação constante como objetivo. As condições internas a cada problema arquitetônico são o programa, a técnica e o lugar. O projeto é, então, uma síntese formal dessas três condições, que utiliza os materiais arquitetônicos (estruturas formais e elementos de arquitetura) fornecidos pela história e resulta em uma ordem visual/espacial que define a identidade formal de cada objeto.



9. Anexo ao Museu do Ouro, Sabará (MG), 2004, Alvaro Puntoni e João Sodré.

A relação de contraste entre o existente e a ampliação valoriza ambas partes. Apesar da forte identidade formal do “edifício muro”, o protagonismo ainda é do edifício existente. Fonte: os autores.



10. Museu Rodin, Salvador (BA), 2004, Marcelo Ferraz e Francisco Fagnucci.

Solução pavilhonar introvertida que não compete com o palacete dá novo sentido ao conjunto e mostra como é possível a integração de arquiteturas muito diferentes. Fonte: os autores.

A busca de definição e identidade formal parece ser uma preocupação central de todos projetos aqui ilustrados. Mas neste caso, como na arquitetura moderna em geral, é importante notar que a noção de forma não se refere à aparência externa das obras senão à estrutura relacional ou sistema de relações internas e externas que configuram um artefato ou episódio arquitetônico e determinam a sua identidade.

O entendimento da noção de forma como estrutura relacional tem pelo menos três implicações importantes:

- O arquiteto não é apenas um gestor de imagens de moda: seu trabalho vai muito além da superfície externa dos edifícios;
- O verdadeiro ato criativo não está nos elementos, mas na ação de associá-los, o que explica como os projetos de Mies van der Rohe podem se parecer tanto, ao mesmo tempo em que são muito diferentes na sua essência;
- A crença de que os objetos modernos são indiferentes ao entorno em que se inserem é errada, pois violaria, se fosse verdade, um princípio essencial do pensamento criativo da modernidade: sua renúncia aos valores de objeto como algo fechado em si mesmo.

Atingir a identidade formal é o objetivo maior da concepção arquitetônica, pois é um valor essencial da obra de arquitetura, especialmente na arquitetura moderna. A identidade formal é a ordem específica de cada obra, aquela condição de estrutura constitutiva própria de cada objeto, independente de fatores externos e estreitamente vinculada à presença de uma estrutura formal consistente –isto é, constituída sobre os requisitos do programa, e as relações com o seu entorno -- que define sua organização espacial.

É exatamente a presença de uma estrutura formal clara e consistente –definidora da identidade do objeto-- o que separa a arquitetura de qualidade daquele funcionalismo barato que deriva a planta do organograma funcional, e dos projetos cuja aparência é consequência de decisões arbitrárias e da imposição de caprichos pessoais ou de influências externas ao problema.

Se é certo que cada artefato moderno encontra seu critério de forma só ao final do processo da sua constituição, então o critério que define a sua qualidade está estreitamente vinculado à identidade de sua estrutura espacial.

Observada com atenção, a arquitetura brasileira contemporânea autêntica se caracteriza por sua economia, rigor, precisão e universalidade, critérios presentes na melhor arquitetura moderna tanto para o projeto quanto para sua verificação.

Por economia –de meios físicos e conceituais-- entenda-se o uso do menor número possível de elementos para resolver um problema arquitetônico. Economia de meios não é minimalismo –



11. Espaço de Convivência do Campus I, FUMEC, Belo Horizonte (BH), 2003, Andréa Vilella Arruda & Sérgio Palhares. Um pavilhão que consegue ser acolhedor sem recorrer a elementos nostálgicos. A estrutura metálica define o caráter geral do edifício e possibilita o grande vão livre, enquanto os elementos de madeira filtram o sol e conferem tactibilidade ao objeto. Fonte: os autores.



12. Campus Tamboré / Instituto Presbiteriano Mackenzie, Barueri / Santana do Parnaíba (SP), 2003, Francisco Spadoni e Lauresto Esher. Um jogo de introversão/dispersão –ou formalidade/informalidade-- em que um foco espacial linear ao longo da cota mais alta do terreno se contrapõe a uma série de edifícios também lineares que, partindo dessa espinha dorsal, estabelecem conexões com a natureza circundante e começam a definir tridimensionalmente espaços mais informais. Fonte: os autores.

que é um estilo, uma meta que se busca atingir-- nem escassez deliberada de elementos para obter uma aparência despojada: é totalmente errado eliminar elementos necessários a um projeto em benefício da forma pura. A forma econômica, caracterizada pela elementaridade, resulta em intensidade formal, o que garante a sua capacidade para existir em entornos onde os estímulos visuais são excessivos.

A precisão de um projeto acentua sua identidade formal, o que facilita o entendimento da sua estrutura formal e a a própria construção material do objeto.

Projetar com rigor significa a capacidade de excluir de um projeto tudo aquilo que não contribui para a sua intensidade e consistência formal, focalizar a concepção em aspectos relevantes e transcendentais do problema arquitetônico, deixando de fora o que for meramente acessório. A arquitetura autêntica é rigorosa na hierarquização do programa e na definição dos elementos que materializam a sua estrutura formal. Um dos problemas principais da maioria da produção contemporânea é exatamente sua falta de rigor, traduzida em configurações arbitrárias e excesso de elementos.

A universalidade de um objeto tem a ver com a essencialidade da sua constituição, valor cujo reconhecimento constitui uma qualidade específica da espécie humana. Além da possibilidade do seu reconhecimento, objetos dotados de universalidade tem maior possibilidade de permanência com dignidade e utilidade.

As características aqui descritas e os projetos que acompanham este texto demonstram que há outro caminho possível para a prática da arquitetura, além daqueles privilegiados pelos meios de comunicação. Este é, reconhecidamente, um caminho mais difícil, pois implica fazer a arquitetura retomar um papel cultural e social que quase ninguém quer mais lhe conceder. Mais do que isso, significa, para os que o trilharem, operar a partir de uma atitude que privilegia valores contrários à cultura midiática atual, preferindo a modéstia ao estrelato, a discrição ao estardalhaço, a relevância ao impacto imediato, a qualidade real à vinculação aos últimos "ismos".

Que existam arquitetos praticando nessa direção e que existam clientes que acolham suas propostas é motivo para um otimismo discreto, que não leva a acreditar numa reversão dramática e redentora do panorama atual, mas que também não nos deixa mergulhar na apatia por achar que tudo está perdido.

"A existência de produção de tal qualidade mostra que, quando uma atividade chega a ser tão supérflua para a cultura atual como é a arquitetura, não há nenhuma desculpa para não aspirar à excelência".



13. Casa BF, Nova Lima (MG), 2003-04, Humberto Hermeto. O "edifício mirante" da tradição modernista (uma caixa de vidro que permite vistas em todas as direções) sustentado por elementos e técnicas de tempos imemoriais. O bloco transparente em balanço adquire significado na relação com a base sólida ancorada na terra. Fonte: o autor.



14. Casa Coelho, Xangri-lá (RS), 1999, Júlio Ramos Collares e Dalton Bernardes.

Uma inteligente combinação entre valores modernos --horizontalidade, transparência, abstração, planaridade-- e tradicionais --cobertura inclinada, madeira-- em um lugar em que predominam o historicismo mal informado e a arbitrariedade narcisista. Fonte: os autores.